



CONTEÚDO

Prefácio	5
Sumário Executivo	7
Consenso Estratégico para a Gestão Integrada do Cancro da pele não melanoma em Portugal	16
Metodologia	18
Contexto científico atual	24
Nível de Consenso A	42
Nível do Consenso B	72
Nível de Consenso C	90
Conclusões	102
Composição do <i>Steering Committee</i> e Restantes Participantes no TT	109
Redatores científicos	110
Bibliografia principal	111

PREFÁCIO

Previna. E esteja atento às lesões...

No Mundo, a cada minuto, três a seis pessoas descobrem que têm cancro de pele. São dois a três milhões de pessoas por ano, segundo a Organização Mundial de Saúde. No caso dos melanomas, os números apontam para 123 mil casos, anualmente. Em Portugal, estimam-se 12 mil novos casos anuais de cancro de pele (melanomas e não melanomas). Estas neoplasias constituem-se assim as mais frequentes nos indivíduos caucasianos e a sua incidência tem aumentado, representando uma enorme carga para a sociedade, quer pelo impacto na saúde dos cidadãos, quer pelo esforço que implicam em termos de custos diretos e indiretos para os Estados.

E se é certo que as atenções se têm focado nos melanomas, pela sua agressividade e taxa de mortalidade associada, os outros tipos de cancros da pele, apesar de serem, felizmente, patologias de baixa mortalidade, são mais frequentes. Além disso, os cancros cutâneos não melanomas provocam uma perda significativa de qualidade de vida, sobretudo quando a lesão está localizada no rosto ou noutra zona visível do corpo, e podem até, em alguns casos, quando não tratados a tempo, ter graves complicações.

A boa notícia é que os cancros da pele são dos mais facilmente evitáveis, uma vez que o principal fator de risco, que é a exposição a radiação ultravioleta (UV), pode ser reduzido de forma significativa, por via da alteração de comportamentos. Além disso, os cancros da pele são também dos mais tratáveis, com uma elevada taxa de cura.

A má notícia é que as pessoas ainda não se consciencializaram da importância de se protegerem do sol ou, pelo menos, não alteraram comportamentos. É urgente que a população evite a exposição excessiva aos raios UV, nomeadamente nos períodos mais críticos do dia, especialmente no verão, mas nalgumas profissões mais expostas, durante todo o ano.

E é também fundamental que não se descure a prevenção secundária. É muito importante estar atento aos sinais. O autoexame, em que nenhuma parte do corpo fica esquecida, deve tornar-se numa espécie de ritual.

Quer num caso, quer noutro, o Ministério da Saúde pode dar o seu contributo. No caso da prevenção primária, e indo ao encontro de uma das recomendações dos autores,

por via do aumento da literacia da população em saúde, através de campanhas de sensibilização e outras medidas concretas que promovam um estilo de vida saudável.

O caminho da prevenção e da promoção de hábitos de vida saudáveis tem sido, aliás, a linha condutora do Ministério da Saúde, com vista à redução da carga da doença crónica em Portugal. E isso ficou claro com a publicação do Programa Nacional de Educação para a Saúde, Literacia e Autocuidados, em março de 2016.

Numa fase secundária o Governo deve promover medidas focadas na deteção precoce do cancro, rastreando os utentes ao nível dos cuidados primários e reduzindo tempos de espera para consulta da especialidade, imprimindo uma maior rapidez no rastreio de casos e no seu efetivo tratamento.

Focado neste desígnio, o Ministério da Saúde vai generalizar e privilegiar a teledermatologia, numa articulação entre os cuidados de saúde primários e os hospitalares, investindo nas câmaras fotográficas, na rede dos sistemas de informação, na formação dos profissionais e na organização do sistema, como também se sugere nesta obra. O diagnóstico precoce é fundamental para o sucesso do processo, assim como para reduzir custos inapropriados.

Além disso, o recém-criado Registo Oncológico Nacional (RON), permitirá conhecer melhor a realidade do país, identificar com maior precisão os casos, corrigir eventuais falhas, e, com base nesse retrato, tomar medidas que melhorem a equidade no acesso aos cuidados e ao tratamento do cancro em Portugal.

E porque o problema das doenças oncológicas, e neste caso em concreto dos cânceros cutâneos, não deve ser apenas uma preocupação dos Governos, mas também da sociedade e de cada um de nós, iniciativas como a deste grupo de trabalho, que lançam o tema para discussão, revestem-se de extrema importância, pelo que se felicita o autor por esta excelente iniciativa.

Fernando Araújo

Secretário de Estado Adjunto e da Saúde